



“¿Dónde está Blas de Otero?”: O exílio na vida e obra de Blas de Otero

“¿Dónde está Blas de Otero?”: Exile in the life and work of Blas de Otero

Raphael Boccardo¹

Resumo: A proposta deste artigo se centra na análise da condição de exilado de Blas de Otero, forçado a sair da Espanha após sua obra poética censurada pela Igreja Católica, respaldada pelo governo totalitário franquista. Através da leitura de entrevistas e biografias realizadas por escritores e jornalistas, como Jorge Semprún e Sabina de la Cruz, que tiveram relação pessoal com o poeta durante este período, esperamos contribuir com um debate pouco explorado pela crítica literária de sua obra.

Palavras-chave: Blas de Otero, Censura, Exílio, Biografia.

Abstract: This article aims to analyze the exile condition of Blas de Otero, who was forced to leave Spain after his poetic work censored by the Catholic Church, supported by the Francist totalitarian government. By reading interviews and biographies by writers and journalists, such as Jorge Semprún and Sabina de la Cruz, who had a personal relationship with the poet during this period, we hope to contribute to a debate rarely explored by the literary critic of his work.

Keywords: Blas de Otero, Censorship, Exile, Biography.

¿Dónde está Blas de Otero?

Está hablando en silencio, con los ojos abiertos.

¿Dónde está Blas de Otero?

Está abriendo palabras, con los ojos abiertos.

Cantar de amigo, Hojas de Madrid con la Galerna

1

Um tópico ainda pouco explorado na obra do poeta espanhol Blas de Otero é a questão de seu exílio durante os anos 1950, período do estabelecimento definitivo da ditadura franquista após o término da Guerra Civil Espanhola em 1939. Esta lacuna deixada pelos críticos literários se deve à ausência de relatos do próprio poeta em relação a sua saída da Espanha. Nenhuma obra autobiográfica, nenhum diário ou cartas. Os motivos de seu silêncio já foram questionados em algumas entrevistas, mas pouco se fez para tentar compreender os efeitos do exílio em sua poesia. Como analisar um período em que não existem informações suficientes? Como uma montagem de um quebra-cabeça, pretendemos revelar Blas de Otero no exílio através de relatos e entrevistas de outros escritores e jornalistas, cada um com sua impressão do poeta, muitas vezes contraditória e irregular.

Portanto, os escritores biográficos serão nossos aliados nesta busca por estas peças fragmentadas. Assim, o objetivo deste artigo é examinar as relações entre a

¹ Mestre em Literatura Espanhola pela Universidade de São Paulo (USP). Especializado em Blas de Otero, poeta do Pós-Guerra Civil Espanhola.

exploração da biografia do poeta basco Blas de Otero e sua condição de exilado como única saída frente ao regime totalitário franquista, através de relatos de pessoas próximas que estiveram em contato com o poeta no exílio, para dar um passo à frente rumo ao preenchimento desta lacuna nos estudos de sua obra.

2

Quem é Blas de Otero? Esta é uma das perguntas principais que os leitores e críticos literários de sua obra trataram de elaborar e construir para compreender sua poesia. Nascido em 1916 na cidade de Bilbao, Espanha, e filho de uma família burguesa basca de comerciantes e médicos, Blas de Otero cresceu em um ambiente privilegiado que lhe possibilitou ter uma educação erudita em sua infância (DE LA CRUZ: 2013, p. 58). Seu pai, Armando de Otero Murueta, criou fortuna com o comércio metalúrgico, coincidindo com a rápida industrialização que ocorria na Espanha e no País Basco na década de 1920. De fato, foi durante e após a Primeira Guerra Mundial que o capital nominal da indústria basca metalúrgica abarcava 30% do capital total da banca espanhola (GONZÁLEZ PORTILLA: 1988, p. 182).

Juntamente a esse panorama, e com um apreço pelas artes liberais, o pai de Blas de Otero foi capaz de proporcionar ao filho uma formação clássica e de alto nível. Primeiramente, sua educação começou com a preceptora *mademoiselle* Isabel, uma jovem basco-francesa que posteriormente se tornou personagem em um de seus sonetos mais conhecidos. Em seguida, aos sete anos de idade, Blas de Otero ingressou na Academia Anglo-francesa fundada em Bilbao por Juana Whitney, uma importante pedagoga inglesa. Estas duas formações iniciais o apresentaram para uma educação humanista e para o estudo das letras, tendo grandes escritores como Góngora, Cervantes e Garcilaso como figuras principais de suas primeiras leituras. Entretanto, anos depois, ingressou no colégio de jesuítas de Indauchu. Essa passagem do humanismo para o ensino católico trará mudanças fundamentais para o pensamento de Blas de Otero.

Em seu poema “1921” de *Hojas de Madrid con la Galerna*, escrito em 1968, o poeta relembra essas duas etapas de sua infância:

En la playa de San Sebastián
hay un niño terriblemente serio,
apoyado en la falda de mademoiselle Isabel.
Detrás se ve a María Jesús,
sonriente, bajo un sombrero de paja y una banda de tela. (DE OTERO: 2013, p. 796)

Neste ponto, podemos ver como os aspectos biográficos da infância de Blas de Otero não são apresentados ao leitor a partir de um texto em prosa autobiográfico ou um texto ensaístico e filosófico. Desde sua infância, e que assim permanecerá durante toda sua vida, conheceremos os momentos importantes da vida de Blas de Otero através de sua poesia, sempre carregada de versos autobiográficos que contêm não só anedotas de suas experiências pessoais, mas também da formação de sua poética ao longo da carreira: sua preceptora *mademoiselle* Isabel, sua religiosidade expressada em María

Jesús, as praias de seu lugar de origem no País Basco, em San Sebastián, como no verso “bajo un sombrero de paja”. Para entender sua poesia é preciso passar por um processo de contextualização que leva ao crítico literário levar em conta todas as características pessoais, psicológicas, políticas e históricas do poeta a ser analisado.

Pablo Jauralde, em um ensaio intitulado “Sobre la Poesía Final de Blas de Otero” e publicado na revista *Ancia*, analisa como a crítica literária buscou construir essa figura histórica, muitas vezes contraditória e paradoxal, para contextualizar e adensar a interpretação da produção poética de Blas de Otero:

La verdad es que la recepción de la obra poética de Blas de Otero ha sido muy irregular, pues en tanto se leyeron, vocearon, cantaron y hasta se proclamaron algunos de sus primeros poemas, los cambios sociopolíticos, sus largos viajes en una época determinada y la remoción de gustos estéticos que se produjo hacia 1965 terminaron por fijar una imagen única del poeta, que luego se consolidó nada menos que con los planes de estudios. Se dirá que tiene poco fundamento metodológico abordar un tema hablando al por mayor de tales avenidas culturales y sociales. Pero así es: durante mucho tiempo Blas de Otero fue el poeta cantado por Paco Ibáñez en el Olimpia de París o en las asambleas universitarias; luego el ejemplo conspicuo de lo que los manuales llamaban “poesía social”. Finalmente, un clásico perdido en algún lugar del siglo que se nos acabó hace unos pocos años. (JAURALDE, 2003, p. 36)

A recepção irregular a sua obra, que significa este conjunto de interpretações formado a partir de diferentes e contraditórias aproximações à poesia de Blas de Otero, forma esta imagem paradoxal do poeta, seja no aspecto literário, estético e/ou biográfico. Naturalmente, ao perguntarmos quem é Blas de Otero, obtemos diferentes respostas de diferentes leitores. Então, o crítico literário, assim como o biógrafo, se vê na tarefa de montar uma personagem própria para o texto que irá analisar: o Blas de Otero que aparece na biografia escrita por Sabina de la Cruz, talvez uma das maiores biógrafas de sua vida, não será o mesmo que será apresentado em um ensaio de crítica literária como a de José Ángel Valente, outro importante estudioso de suas poesias. No entanto, ao invés de analisarmos de maneira negativa essa recepção irregular de uma personagem histórica como Blas de Otero e descartarmos como apenas mais uma contradição a ser combatida, é possível retirar dessa dualidade uma possibilidade de aprofundar ainda mais os estudos de seus poemas.

Max Aub, em sua obra biográfica e ficcional *Jusep Torres Campalans*, oferece-nos uma reflexão importante em seu prólogo sobre as dificuldades de um romancista em escrever uma biografia:

Trampa, para un novelista doblado de dramaturgo, el escribir una biografía. Dan, hecho, el personaje, sin libertad con el tiempo. Para que la obra sea lo que debe, tiene que atenerse, ligada, al protagonista; explicarlo, hacer su autopsia, establecer una ficha, diagnosticar. Huir, en lo posible, de interpretaciones personales, fuente de la novela; esposar la imaginación, ceñirse a lo que fue. Historiar. Pero ¿se puede medir un semejante con la sola razón? ¿Qué sabemos con precisión de otro, a menos de convertirle en personaje propio? ¿Quién pone en memoria, sin equivocaciones, cosas antiguas? (AUB, 1999, p. 11).

Nesta obra, Max Aub desenha logo de início sua metodologia de trabalho através de uma pergunta: “¿Qué sabemos con precisión de otro, a menos de convertirle en personaje propio?”. A incerteza de conhecimento completo do *outro* para o desenvolvimento de uma biografia, ou até mesmo para a interpretação de um poema ou uma obra, leva o historiador a desenvolver um personagem próprio e único de seu objeto de estudo. Max Aub nota que a busca pela objetividade na escrita de uma biografia se torna um obstáculo para o escritor: “Los documentos alcanzan el valor de clavos sujetando firmes la piel del cadáver abierto en canal, cuando lo que importa es describirlo vívidamente”. Nesse sentido, a recepção irregular da obra de Blas de Otero faz parte da própria tarefa do crítico literário e/ou biógrafo em montar e, até mesmo, criar essa personagem histórica antes de iniciar seu texto. Portanto, compartilhamos da metodologia de Max Aub, que consideramos pertinente em nossa discussão, pois, assim como interpretamos os poemas de Blas de Otero a partir de nossas próprias leituras e experiências, buscamos o autor como indivíduo, ou seja, o poeta que conhecemos a partir de sua biografia, que também será passível de interpretação e criação por parte do crítico literário. Ao tomarmos em conta o conceito desenvolvido por Max Aub, poderemos ter uma aproximação mais profunda tanto dos poemas como da biografia de Blas de Otero.

Para tanto, passemos à exploração da crítica do poeta basco: Luis Suñén provavelmente foi o crítico literário que deu maior ênfase para o aspecto biográfico na análise da poesia de Blas de Otero, e contribuiu para que outros leitores também inserissem este pilar na análise de seus poemas. Para Suñén, obra e vida pareciam confluir como se uma pertencesse a outra em uma dicotomia indissociável: “La vida y la obra de Blas de Otero constituyen uno de los testimonios más apasionantes de la cultura, del conjunto de la realidad española de los últimos años”. (1976, p. 17).

A importância de colocar o poeta no mundo, ou seja, pontuá-lo na história, também nos ajuda a observar como sua realidade no contexto-histórico da Espanha contribuía para a construção poética durante sua carreira. A partir da afirmação com a qual Luis Suñén inicia seu ensaio, todo crítico literário sabia que para entender a poesia de Blas de Otero e, porque não, entender uma parte da realidade espanhola após o término da Guerra Civil Espanhola² em 1939, era preciso levar em conta os aspectos biográficos em suas análises, que anteriormente muitos pareciam evitar ao realizar a interpretação poética. Luis Suñén tentou quebrar esta barreira em 1976, um momento importante que mudou a perspectiva da obra do poeta basco e foi complementado e seguido por Sabina de la Cruz depois.

Por isso, é importante que pontuemos como alguns críticos literários de sua obra, além de outros escritores que tiveram contato com o poeta no exílio, fizeram um trabalho extenso de construção desta figura histórica que é Blas de Otero, uma personagem montada de maneira contraditória por diferentes narradores. De Sabina de la Cruz a

² Entender a Guerra Civil Espanhola também é um dos pilares para analisar a obra poética de Blas de Otero. Víctor García de la Concha é um dos que buscam analisar sua obra a partir do aspecto social e histórico: Pero si la “irrupción de la vida” al filo de los años treinta se producía desde una difícil situación social española, el desencadenamiento de la guerra civil, y, en seguida, de la mundial, agravó la base de la angustia. (1992, p. 488). Neste ensaio, buscamos apenas analisar o trabalho biográfico da crítica literária e suas relações com a condição de exílio do poeta frente ao estado totalitário franquista.

entrevistas com as pessoas que cruzaram a sua vida, mostraremos como esta montagem da figura de Blas de Otero, seja individualmente, seja a partir de sua obra, faz parte de um escopo teórico importante que deve ser levado em conta a partir destas mesmas contradições.

3

É importante que comecemos com uma das estudiosas mais importantes da obra de Blas de Otero, e responsável, atualmente, pela edição de suas obras e na manutenção da *Fundación Blas de Otero*³: Sabina de la Cruz conheceu o escritor em 1961 e se tornaram companheiros até 1979, data do falecimento do poeta basco. A professora de literatura *bilbaína* dedicou sua vida a escrever diversos textos biográficos sobre o poeta, reunidos em antologias que seriam publicadas a partir dos anos 1980. Sabina de la Cruz foi uma das responsáveis por apresentar ao leitor uma análise estrutural que ainda estava engatinhando no período: a divisão em fases da poesia de Blas de Otero: Fase Religiosa (1940-1944), Fase Existencialista (1945-1959) e Fase Social (1959-1960).

Para conseguir estruturar este método, ela se valeu da análise biográfica para pontuar as transições que ocorreriam em sua poética, contextualizando tanto a parte psicológica pessoal quanto a parte histórica externa e objetiva que rodeava o poeta.

Na antologia *Expresión y Reunión* (1981), primeira compilação de poesias após o falecimento de Blas de Otero, Sabina de la Cruz se propôs a realizar um ensaio que pudesse convergir a interpretação dos poemas e a vida pessoal do poeta. Embora esta prática já existisse na metodologia da crítica literária de diversos autores, na obra oteriana este foi o ensaio inaugural que se lançou com tal objetivo de analisar a partir destas duas frentes. Seu método para a realização desta tarefa foi procurar na biografia do poeta alguns pontos críticos que podiam ajudar a caracterizar cada uma das três fases estruturadas por Sabina de la Cruz.

A primeira denominou-se Fase Religiosa, marcada, essencialmente, pela obra *Cántico Espiritual* (1942), em que expõe-se a infância de Blas de Otero, permeada por uma educação jesuítica e com San Juan de la Cruz na base de sua leitura de poesia. Essa relação entre a poesia oteriana e seu diálogo com a tradição espanhola contribuiu para que seus primeiros poemas carregassem uma conotação cristã-mística na relação entre homem e Deus, uma problemática que estará presente por quase toda sua carreira como poeta, ainda que marcada por pontos de discordância e atrito. Em seguida, a crítica indica como subsequente, a denominada Fase Existencialista, na qual, Sabina de la Cruz apresenta ao leitor os motivos para a mudança tanto na forma quanto na estética dos poemas. Em 1944, Blas de Otero se encerra em um sanatório psiquiátrico por conta da solidão em que vivia entre os anos de 1942 e 1943, a esse quadro se soma a doença grave de sua irmã, María Jesús: “se une un sentimiento destructor al sentirse culpable de la enfermedad de su hermana por haber cargado sobre sus hombros una responsabilidad tal vez superior a sus fuerzas” (DE LA CRUZ, 2013, p. 62). Segundo Sabina de la Cruz, este momento importante para a vida de Blas de Otero fez com que o poeta questionasse sua própria fé: “En medio de la soledad y de angustiosas dudas, su

³ Website: <http://www.fundacionblasdeotero.org/>

catolicismo ortodoxo y su fe comienzan a resquebrajarse” (p. 63). A culpa que se apodera do poeta basco tem origem em parte do sacrifício de sua vocação poética para seguir a carreira de direito para sustentar a família e sua incapacidade de ajudá-los em um momento delicado de suas vidas.

O ano posterior, em 1945, será decisivo para a criação das próximas obras da chamada Fase Existencialista. Blas de Otero deixa o sanatório de Usúrbil e decide perseguir a carreira de poeta de forma integral ao abandonar completamente a advocacia “dispuesto a hacer ‘de su condición de poeta una razón de vida, un oficio de absoluta dignificación personal’” (p. 63). Este período também coincide com o término da 2ª Guerra Mundial, um período de virada do século que marcou profundamente e mudou a percepção de mundo do poeta como vemos no fragmento de *Historia (casi) de mi vida*:

¿Voy a hablar de la guerra, de esa gran cabronada que nos armaron cuatro militares, ocho terratenientes y cinco curas, con el respaldo del hijo de puta de Hitler? [...] Pero no quiero hablar de nuestra guerra, ni de lo que siguió, que casi fue peor. (DE OTERO, 2013, p.954)

Cinco anos após esse momento decisivo na história, Blas de Otero volta a publicar, em 1950 e 1951, os dois livros que iriam mudar sua carreira e deixar uma marca importante na poesia espanhola do século XX: *Ángel fieramente humano* e *Redoble de conciencia*.

Claude le Bigot, em um artigo publicado para a revista *Ínsula* intitulado “Configuración de la Voz Social en la Poesía de Blas de Otero”, desenvolve essa etapa que parte de *Cántico espiritual* para chegar em *Ángel fieramente humano* ao relacioná-la à análise sócio histórica articulada entre ambas as obras:

Con la crisis espiritual, lo que se desplomó en Blas de Otero, fue su propia identidad ontológica, de modo que, en *Ángel fieramente humano* y *Redoble de conciencia*, asistimos a una dialéctica de la destrucción y de la restauración. También se entiende que la crisis tiene su origen en el contexto deprimido de la posguerra, y de lo que era la sociedad española bajo el franquismo. Esto quiere decir que existen razones sociohistóricas a la derrota del humanismo en la que está sumido Blas. (LE BIGOT, 2003, p. 6-7)

Segundo o autor, Blas de Otero, deparado tanto com um questionamento causado pelas próprias crises de angústia em sua vida como pelo contexto histórico do franquismo após a Guerra Civil Espanhola, traz para os poemas de *Ángel fieramente humano* questionamentos de cunho filosófico e existencialista. O caminho interpretativo que leva a esta conclusão só se torna claro se levarmos em conta não só a análise das poesias em si, mas também pela convergência entre a interpretação da biografia de Blas de Otero, além de um entendimento detalhado dos acontecimentos sócio-políticos da Espanha na década de 1940-50.

Portanto, nosso objetivo aqui não é exemplificar como esse caminho interpretativo é estruturado, mas como o método deve agir ao se aproximar das obras do poeta basco. Levando isso em consideração, a última fase de sua poesia, intitulada

como Fase Social, essa etapa é perceptível, sobretudo, se recorreremos à transição entre a perda de fé de Blas de Otero, como dito anteriormente, e sua entrada no Partido Comunista através do escritor espanhol Jorge Semprún, que detalharemos mais adiante.

Para Sabina de la Cruz, a mudança da poética existencialista para a social ocorre quando o poeta basco sai pela primeira vez da Espanha após a censura negar a publicação de sua obra *En Castellano*⁴. Ao chegar na França, primeiro lugar de exílio, Blas de Otero entra em contato com diversos escritores internacionais e críticos literários franceses. Ele já era conhecido tanto na Espanha quanto no resto da Europa, o que redundou em vários convites para participar de muitas entrevistas para revistas literárias francesas.

Neste ponto de intersecção entre biografia e obra, Sabina de la Cruz buscou organizar uma imagem da figura histórica de Blas de Otero para que a crítica literária posterior pudesse ter como base uma narrativa já consolidada ao realizar a análise de sua poesia. Todo mundo conhecia suas poesias, porém queriam saber: “Quem é Blas de Otero?”, ou seja, quem é o poeta que se esconde atrás de seus versos e que se mantém tão silencioso sobre sua vida pessoal. Hubert Juin, Jorge Semprún e muitos outros escritores fornecerão relatos sobre sua relação com Blas de Otero e que será de extrema importância para a crítica literária de sua obra no futuro.

Como podemos analisar, Sabina de la Cruz percebeu que era preciso não só realizar a tarefa de interpretar cada poema a partir de sua própria estrutura e estética, mas também interpretar a própria personagem Blas de Otero para que sua poesia pudesse ter uma voz e um contexto necessário para que seu entendimento fosse aprofundado. Se em partes podemos criticá-la por realizar uma separação exageradamente estrutural, como a divisão entre fases, essa opção metodológica fica clara quando se pontua os momentos críticos da vida de Blas de Otero, dando um sentido e um contexto evidente para as mudanças de sua estética. Hubert Juin, ao contrário de Sabina de la Cruz, nos mostrará que é possível realizar o processo inverso: conhecer a obra a partir de sua relação pessoal com o autor. E isso foi possível através de um contato entre um escritor e um exilado, Blas de Otero.

4

Esse contato se deu através da revista literária francesa intitulada *Les Lettres Françaises*⁵, que gozava de certa reputação durante os anos de 1950 entre os escritores franceses e espanhóis do período. Com o objetivo de divulgar ensaios, poesias e, especialmente, entrevistar os autores que começavam a despontar na Europa, a revista se tornou um meio importante para a divulgação de uma cena literária que estava se formando após o término das guerras europeias, falamos aqui tanto da Segunda Guerra Mundial quanto da Guerra Civil Espanhola.

⁴ Lucía Montejo Gurruchaga, em *Revista de literatura*, escreveu um artigo importante intitulado “Blas de Otero y la censura española desde 1949 hasta la transición política”, que trata sobre a censura ao poeta sob a ditadura franquista dos anos 1940. Em um ensaio que reúne biografia, história e análise literária, vemos como estes três pilares são imprescindíveis para compreender a obra de Blas de Otero.

⁵ Fundada em 1941 pelos escritores Jacques Decour e Jean Paulhan, *Les Lettres Françaises* era financiada, durante os anos 1950, pelo Partido Comunista Francês e tinha como objetivo publicar ensaios, poemas, entrevistas e outros artigos literários. (<http://www.les-lettres-francaises.fr>).

Hubert Juin poeta, romancista, ensaísta e, principalmente, crítico literário belga, participava de tempos em tempos da *Les Lettres Françaises* com todo tipo de produção, seja na publicação de poesias, seja na parte das entrevistas de escritores internacionais. No dia 12 de março de 1959, Hubert Juin tinha um trabalho encomendado a fazer para a publicação na revista: entrevistar um escritor espanhol, recém refugiado da ditadura franquista na Espanha, que começava a ser bastante lido pelo público francês no período. Blas de Otero, um poeta de origem basca, nascido em 15 de março de 1916, que já havia publicado cerca de 7 obras de poesia até o final dos anos 1950, entre elas, *Cuatro Poemas*, *Cántico espiritual*, *Ángel fieramente humano*, *Redoble de conciencia*, *Pido la paz y la palabra*, *Ancia*, e uma obra publicada na França, *Parler clair/En Castellano*.

Intitulado “Conversación con Blas de Otero”, Hubert Juin começa seu texto elaborado a partir desta entrevista com o poeta basco como um texto literário, descrevendo seu entrevistado como se criasse um personagem literário fictício:

Un hombre. Nada más y nada menos que un hombre: Blas de Otero. Está delante de mí: ni alto ni bajo. Ningún rasgo específicamente español. Podría ser de cualquier país, de todos los países. Tiene ese algo que da sentido al término «grande» cuando unimos esta palabra (llena de misterio) a otra (llena de prestigio): España. Una de las grandes figuras del panorama español. Un gran poeta. Y, sin embargo, se muestra cercano a todos. Ha venido a Francia por Machado. Está en París y hablamos de Machado, pero ¿qué sabemos de él, de Blas de Otero?

Hemos leído sus poemas en revistas como *Esprit*, *Europe* o *Les Lettres françaises*. He aquí el hombre, el poeta, pero ¿cómo es su vida y cuál es el camino que hasta hoy ha recorrido?

—Nací en Bilbao, en marzo de 1916.

Pero esto nos dice poco del verdadero Blas de Otero, del que a nosotros nos importa: el poeta, ese que tiene el don de la palabra, la fuerza de la palabra. (JUIN, 1959, p. 527)

Hubert Juin percebe, durante toda a entrevista, que não conseguirá retirar qualquer relato detalhado da vida pessoal deste poeta. “Nací en Bilbao”, afirma Blas de Otero, em uma resposta pontual, quase desviando de ser o centro da entrevista. “Pero esto nos dice poco del verdadero Blas de Otero”, assim responde na forma de uma narrativa Hubert Juin ao tentar de alguma forma retirar um texto para a publicação que seja interessante aos leitores da *Les Lettres Françaises*. Curiosamente, é durante esta entrevista aparentemente fracassada, entendemos aos poucos quem é esta figura de Blas de Otero, o *verdadero* Blas de Otero, o poeta. Entre silêncios, Hubert Juin, ao invés de sair derrotado da entrevista, consegue aos poucos montar em sua mente e, obviamente, no texto a ser publicado, esta personagem que está a sua frente: “La conversación con Blas de Otero discurre atravesada de silencios. Tiene el pelo entrecano. Su rostro muestra la huella del paso del tiempo; un rostro que ha mirado a la vida de frente” (p. 528). Neste desenho que se monta por meio da escrita de um romancista como Hubert Juin, vemos como Blas de Otero, um poeta silencioso que parece não gostar de revelar seu lado pessoal, surge nos anos 1950 na crítica literária não só por sua produção literária mas também como uma figura histórica construída

como um quebra-cabeça de milhares de peças, montada pouco a pouco pelos entrevistados e conhecidos que buscaram traduzir o silêncio do poeta em um personagem importante para a cena literária do período.

Ao final da entrevista, Hubert Juin fica satisfeito, apesar dos momentos de silêncio entre entrevistado e entrevistador, com o resultado de seu texto:

No queda mucho más que añadir. Las rejas que nos separan, que nos cercan, van cediendo poco a poco. Una última cuestión:

—¿Cuál es su postura ante España? ¿Su postura de poeta?

—Se ha dicho muchas veces que África empieza en los Pirineos. ¿Es eso cierto? Se ha dicho también que Europa termina en los Pirineos. Yo deseo con toda mi alma que, sin perder su propia personalidad, España participe de la transformación de Europa, de su renovación.

—Se pasa la mano por la cara antes de continuar— Hoy, mi deseo es que mi país se abra a las corrientes mundiales.

Se calla. Nos hemos comprendido. A partir de ahora tengo un amigo en Barcelona. Se llama Blas de Otero. (JUIN, 1959, p. 529)

Com uma resposta lacônica, que percorre toda a conversação entre o ensaísta francês e o poeta basco, nesta tentativa de se compreenderem através de dois idiomas diferentes, Hubert Juin consegue entender nas entrelinhas a declaração de Blas de Otero sobre a Espanha fechada em si mesma da ditadura franquista. Este silêncio os aproxima de maneira curiosa, através de uma mesma visão de mundo que parece uni-los ainda mais neste período obscuro pelo qual passa a Europa e principalmente a Espanha. Para Hubert Juin, as respostas pontuais e lacônicas contribuem ainda mais para formar no imaginário esta figura histórica do poeta basco, aumentando ainda mais a curiosidade dos leitores sobre quem é este entrevistado.

A biografia, que serve só como porta de curiosidade para alguns, torna-se, no final das contas, uma parte importante da obra de Blas de Otero, algo que terá continuidade pelas mãos de outros críticos literários dos anos 1950 até os dias atuais. E é com Jorge Semprún que conheceremos a vida política de Blas de Otero, e como sua Fase Social foi moldada a partir de suas experiências políticas e pessoais durante seu exílio.

5

Em um trabalho extenso de mais de 500 páginas, a pesquisadora Elena Perulero Pardo-Balmonte, da Universidade Autónoma de Madrid, conseguiu uma entrevista, no verão de 2007, com um dos escritores espanhóis mais importantes do séc. XX, Jorge Semprún. O objetivo da pesquisadora era conseguir, através da entrevista, um relato sobre a relação de Semprún com Blas de Otero, amigos próximos nos anos 1950 quando o poeta basco se exila na França após sua entrada no Partido Comunista (PARDO-BALMONTE, 2013, p. 449). Ler a narrativa deste relato é tão interessante quanto a entrevista em si, com detalhes sobre o local em que se encontrada Jorge Semprún e a busca na memória de seus momentos pessoais com Blas de Otero:

Pienso que si accedí a que le entrevistase no fue por mí misma, sino en atención a la amistad y admiración que sentía por Blas de Otero, a quien realmente apreciaba. Aquella misma tarde salía de viaje, de modo que me citó para la semana siguiente. Tenía, me explicó, una casa de campo a unos cien kilómetros de París, donde pasaba algunas temporadas para poder escribir con calma. (PARDO-BALMONTE, 2013, p. 449)

A importância desta entrevista para Elena Perulero Pardo-Balmonte não era apenas conhecer a pessoa Blas de Otero de maneira mais íntima, com objetivos de curiosidade, mas para tentar entender como sua poesia social surgiu a partir do final dos anos 1950 com a publicação de *En Castellano*, uma mudança radical em comparação às suas obras de tons mais existencialistas como *Ángel fieramente humano* e *Redoble de conciencia*. Entender a biografia do poeta basco era compreender como sua poesia foi criada naquele período. E Elena Perulero sabe que Jorge Semprún é a chave, talvez a única chave, para compreender um lado que foi pouco analisado pela crítica da obra de Blas de Otero: o exílio.

Após um longo período de censura por parte do Ministério de Imprensa e Igreja Católica no período dos anos 1950⁶, durante a ditadura franquista, Blas de Otero é forçado a se exilar na França para a publicação de *En Castellano*, com o receio de que sua obra fosse ser novamente censurada. O poema homônimo, “En Castellano”, expressa esse período de uma maneira tipicamente oteriana, através de versos e estrofes:

EN CASTELLANO

Aquí tenéis mi voz
alzada contra el cielo de los dioses absurdos,
mi voz apedreando las puertas de la muerte
con cantos que son duras verdades como puños.

Él ha muerto hace tiempo, antes de ayer. Ya hiede.
Aquí tenéis mi voz zarpando hacia el futuro.
Adelantando el paso a través de las ruinas,
hermosa como un viaje alrededor del mundo.

Mucho he sufrido: en este tiempo, todos
hemos sufrido mucho.
Yo levanto una copa de alegría en las manos,
en pie contra el crepúsculo.

Borradlo. Labraremos la paz, la paz, la paz,
a fuerza de caricias, a puñetazos puros.
Aquí os dejo mi voz escrita en castellano.
España, no te olvides que hemos sufrido juntos (DE OTERO, 2013, p. 353)

⁶ Para saber mais sobre a censura que Blas de Otero sofreu ao tentar publicar na Espanha em plena dita dura franquista, há um artigo publicado em Revista de literatura, Tomo 60, n. ° 120, 1998, pp.491-516 por Lucía Montejo Gurruchaga (UNED – Madrid) que se intitula: “BLAS DE OTERO Y LA CENSURA ESPAÑOLA DESDE 1949 HASTA LA TRANSICIÓN POLÍTICA. PRIMERA PARTE: DE ÁNGEL FIERAMENTE HUMANO A EN CASTELLANO”. Também é possível encontrá-lo em http://www.represa.es/represa_3_mayo_2007_articulo3.html.

Construído como uma carta de despedida de seu país de nascimento, Blas de Otero ergue sua voz para revelar sua angústia perante seu exílio forçado. Sem heroísmo, essa fuga da Espanha é um trágico momento tanto para o poeta basco como para muitos escritores, “Adelantando el paso a través de las ruinas”. Como Edward Said diz em *Reflexões sobre o Exílio*: “embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação” (SAID, 2003, p. 71). Neste momento, não há como encontrar na trajetória de Blas de Otero um momento de glória tipicamente romântica perante sua censura e conseqüentemente seu exílio. A cicatriz deixada por este trauma permanece, mesmo em um suposto momento de paz, “Labraremos la paz, la paz, la paz”, em uma repetição quase desesperadora de autoconvencimento. Existe a realização de que se cumpriu algo, “Aquí os deixo mi voz escrita en castellano”, mas que são “permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, p. 71).

Os sentimentos evocados pelo exílio são expressos somente nestes versos de *En Castellano*. Nada sabemos sobre suas viagens, sobre seus encontros, ou até mesmo cartas escritas na França que pudessem nos revelar seus pensamentos em relação a todos os exílios ocorridos na Espanha durante o período franquista. Assim, somente a análise dos relatos biográficos expressos por pessoas que conheceram Blas de Otero durante essas décadas longe da Espanha torna possível uma compreensão mais aprofundada de seus poemas durante o exílio.

Uma dessas pessoas é Jorge Semprún que, juntamente com sua família, foge para Paris após a queda de Madrid e a entrada do exército nacionalista comandado por Francisco Franco. É o fim da Guerra Civil Espanhola. Jovem comunista, Semprún sempre esteve ligado ao seu partido e à militância e prometeu a si mesmo que jamais pisaria em território espanhol até a queda de Franco:

Semprún se incorporó a la Resistencia antifascista como un modo de continuar la Guerra Civil. La derrota del fascismo en Europa supondría la liberación de España. Se hizo comunista y vivió clandestinamente en España organizando la lucha contra el franquismo que había hecho de la victoria en la guerra el pilar de su régimen político opresor. En 1956, veinte años después del comienzo, Semprún difundió la política Reconciliación Nacional del Partido Comunista, una propuesta para superar la división vencedores-vencidos a favor de una lucha común por la libertad para todos los españoles. (NIETO, 2018, p. 1).

Nos anos 1950, já estabelecido na França, Jorge Semprún começa a ajudar escritores e intelectuais tanto com moradia quanto para publicações de obras diversas. Blas de Otero chega em 1959 e encontra em Semprún um apoio durante o exílio. A partir desse momento, poucos críticos literários deram importância para a relação de Blas de Otero e Jorge Semprún, entretanto, ignorar tal acontecimento torna a análise da transição de sua fase existencial para sua fase social incompleta. A entrevista de Elena Perulero é um primeiro passo a ser dado para aprofundar o estudo desse período, e exige-se atualmente, para a crítica de Blas de Otero, uma melhor atenção para a questão do exílio a partir dos olhos de Jorge Semprún.

Elena Perulero começa sua entrevista revelando os motivos de sua visita à casa do entrevistado: “Me he atrevido a venir porque creo que es muy importante, especialmente en el caso de Blas de Otero, llegar a descubrir al autor que se esconde tras los versos” (p. 449). A partir desta pequena sentença percebemos a motivação do crítico literário que busca compreender seu objeto de estudo, “descubrir al autor que se esconde tras los versos”, ou seja, aprofundar-se na leitura de sua obra por meio da contextualização do momento em que ela foi escrita e publicada.

Por sorte, o entrevistado Jorge Semprún, ao contrário de Blas de Otero, revelou bastante sobre seus momentos com o poeta basco e o material se tornou extenso o suficiente para que possamos extrair um material denso para contribuir com a interpretação de sua obra e o entendimento do exílio. Em certo ponto da entrevista, Elena Parduro, tentando compreender os motivos da entrada de Blas de Otero para o Partido Comunista e sua transição entre a poesia existencialista e a poesia social, lança uma frase um tanto despretensiosa para Semprún, “—*Eso es lo que más nos cuesta entender hoy en día...*” (p. 452), que recebe como resposta uma análise bem importante para entender o período do qual Blas de Otero estava passando:

Blas tenía ese complejo —quizás *complejo* es una palabra muy fuerte—, en parte, Blas tenía esa tendencia del intelectual burgués - te lo digo como dato social, eh, sin ningún tipo de connotación, no lo digo como mentalidad— a establecer una relación ideal con la clase obrera, con los trabajadores, con el proletariado, y se frena en su crítica de cosas que ve o con las que no está de acuerdo, para que no parezca que su crítica, o su reacción negativa, viene de su origen social. Está dispuesto a otorgar mayor credibilidad incluso de la que normalmente se pueda otorgar a una cosa, por su origen social. Tenía ese pequeño complejo. Claro, pero en la poesía eso..., si él hubiera sido ensayista o filósofo se notaría más, pero en la poesía eso se nota menos, porque como viene —viene él— de esa poesía religiosa de antes ¿no? La transición es menos visible. Pero él fue, desde luego, poeta comunista, no hay ninguna duda. El centro de la contextualización de la obra de Blas está ahí, en esa experiencia. (2013, p. 452)

Para Jorge Semprún a experiência e situação social de Blas de Otero podem ajudar a explicar em partes a construção de sua poesia partir de *En Castellano*, sua fase de poesia política e social. Desde sua origem burguesa, até sua relação posterior com os trabalhadores, sua visão de mundo não surge a partir de um ensaio literário ou filosófico, que para Semprún seria mais fácil de perceber para um leitor e um crítico literário, mas na construção de poesia. Como vimos em Sabina de la Cruz, os pontos críticos da vida de Blas de Otero, neste caso, o exílio e o encontro com Jorge Semprún parecem também moldar sua transição poética.

Do poeta religioso ao poeta comunista, a contextualização serviu para a crítica literária do poeta basco estabelecer um ponto em comum importante para que todos os outros críticos pudessem compreender as fases poéticas que percorreram toda sua obra, como diz José Miguel de Azaola sobre as características marxistas da obra em *En Castellano*: “Su sed de justicia y su decisión de romper lanzas en defensa de los económicamente débiles y estar en comunicación permanente con la «inmensa mayoría» se impusieron a todo lo demás y llevaron al poeta a unas conclusiones” (MIGUEL DE AZAOLA, 1986, p. 39). Nesta análise, vemos como o método da crítica

literária tentou inserir na interpretação de sua obra certas características pessoais e políticas de Blas de Otero para tentar compreender e elaborar uma base para a construção desta fase poética.

A biografia se tornou um ponto de apoio para a fortuna crítica nesta criação de uma figura histórica como Blas de Otero, quase uma montagem em retalhos de um personagem literário a partir de diversos narradores-historiadores, sendo Jorge Semprún o ponto de intersecção para sua fase social. A relação de ambos com o constante exílio, nos faz compreender que Blas de Otero não estava alheio aos acontecimentos mais críticos da história da Espanha. O poeta, assim como muitos outros escritores e intelectuais, também sentiu pessoalmente o trauma da ditadura franquista, a censura e, conseqüentemente, seu exílio. Neste momento, é a partir da entrevista realizada de Elena Perulero que realmente compreendemos que a Fase Social de Blas de Otero, composta de obras como *En Castellano* e *Que trata de España*, não diz respeito somente de poesias de reflexões políticas marxistas sobre os eventos dos anos 1950 na Espanha e na Europa, mas também são obras de experiências no exílio, da incapacidade de se expressar livremente perante uma Igreja e um aparato estatal que censura qualquer pensamento divergente. Sem considerar essa afirmação, e sua relação com Jorge Semprún em Paris no Partido Comunista, a análise de sua Fase Social - ainda que essa divisão didática seja problemática e insuficiente para dar conta da obra do poeta - não consegue completar seu quebra-cabeça.

Ao final da entrevista, Elena Perulero pergunta a Jorge Semprún porque Blas de Otero, após sua viagem para os países do bloco soviético nos anos 1960, após muitos poemas sobre Cuba e outros com tons sociais, queria voltar para a Espanha. A resposta de Semprún, longe de ser apenas anedótica, mostra como esta busca por uma visão biográfica do poeta basco contribuiu para a formação da crítica literária atual:

Él volvía a España con esa cierta frustración y, al mismo tiempo, como un respiro. Yo creo que se sentía aliviado. Hay que cambiar de registro: no es política, es una cuestión personal, que no tiene que ver con que la situación le viniera grande o tal, sino con su estabilidad emocional. Pero, como no se produjo eso... El régimen tenía tantos problemas que un poeta díscolo, tal, y controlado, un poco loco... (SEMPRÚN, 2013, p. 458)

Tanto para Jorge Semprún como para Elena Perulero, o aspecto pessoal para a volta de Blas de Otero à Espanha era um ponto de destaque importante para entender sua trajetória de exilado após a ascensão de Franco na Espanha nos anos 1940 e 1950. A contextualização deste período não só servirá de apoio à interpretação de sua poesia, mas também auxiliará para aprofundar a crítica de sua fase social e compreender os últimos poemas de sua vida escritos na Espanha nos anos de 1970.

O estudo do exílio através de uma análise detalhada de sua biografia, como vimos em Sabina de la Cruz e tantos outros críticos literários, tornou-se uma peça importante neste quebra-cabeça que chamamos de Blas de Otero.

6

Quem foi então Blas de Otero? De Sabina de la Cruz a Jorge Semprún, a crítica literária ocupou-se de (re)construir essa figura histórica chamada Blas de Otero no período de seu exílio. Na busca de compreender suas poesias, a biografia se tornou não apenas uma página de curiosidade para os leitores que queriam apenas buscar anedotas interessantes para ler, mas uma base importante para a elaboração de uma crítica que pudesse entender mais profundamente as nuances dos versos através de um contexto histórico e um contexto pessoal, principalmente neste período de saída da Espanha. Blas de Otero ainda continua sendo estudado nos dias de hoje, com uma edição especial da revista *Ínsula* lançada em 2004 feita para reunir os escritos sobre o poeta basco. O objetivo deste texto foi mostrar como o estudo da biografia e da história, principalmente durante o exílio, pode contribuir para análise de seus poemas de maneira geral e para a compreensão de um exílio forçado pela censura de um estado totalitário.

Em tantas diferenças teóricas, vemos uma em comum: a tentativa de analisar seus poemas não só na leitura da obra em si, mas na elaboração de uma interpretação que leve em conta toda a experiência pessoal de Blas de Otero durante sua vida repleta de mudanças causadas tanto por eventos internos, ou seja, psicológicos, quanto externos, em seu exílio forçado na França e seu encontro com Semprún, e suas visitas aos países do bloco soviético e aliados, um momento importante de mudança em sua visão poética e histórica que acabariam por gerar obras como *En Castellano* e *Pido la Paz y la Palabra*, poemas produzidos durante o exílio.

Analisar a biografia de Blas de Otero, e toda a fortuna crítica que se ocupou de tal tarefa, torna-se de grande importância para entender como sua poesia deste período foi formada, como analisa Elena Perulero Pardo-Balmonte:

Ya en 1951, al final de una breve semblanza autobiográfica, Otero decía «Lo demás está en los libros», ofreciéndonos una de las claves de su poesía: lo que no cuenta de sí mismo por otras vías está volcado, de un modo u otro, en sus poemas y esto supone que, cuando al leerlos identificamos al sujeto lírico con el autor, no vamos muy desencaminados. Blas de Otero se refleja a sí mismo en los poemas, incluso cuando trata de evitarlo. Su necesidad de expresarse y su preocupación por hacer una poesía auténtica, nos permiten acercarnos a su obra desde una perspectiva autobiográfica sin temor a desviarnos demasiado, siempre que tengamos en cuenta, eso sí, la mediación que supone la propia utilización de la lengua literaria. No entiendo, pues, la supuesta ficción de la poesía de Otero como una cuestión que afecta al contenido, sino únicamente a la expresión. (2013, p. 23)

Como um quebra-cabeça de milhares de peças espalhadas por 4 décadas, dos anos que vão de 1916 até 1979, datas de nascimento e morte de Blas de Otero, os críticos literários que se ocuparam do poeta entenderam que para interpretar seus poemas era preciso também interpretar o próprio poeta, silencioso e lacônico em muitas de suas entrevistas durante sua vida. Por este motivo que o crítico e/ou biógrafo que se aproxime da obra de Blas de Otero não pode separar vida e obra ou até mesmo ignorar as relações de outras personagens com o poeta basco. O estudo sobre seu exílio ainda

possui algumas lacunas a serem preenchidas e que podem contribuir muito para entendermos não somente sua obra em si, mas da condição dos exilados espanhóis de uma maneira geral.

Bibliografia

- AUB, Max. *Jusep Torres Campalans*. Fundación Max Aub y Bancaja, Madrid, 1999.
- DE LA CRUZ, Sabina, «Introducción» a Blas de Otero, *Expresión y reunión. (A modo de antología)*, Madrid: Alianza, 1981, págs. 9-48
- , “Notas Biográficas” in *Ancia: Revista de la Fundación Blas de Otero* N°4. Pág. 7-73. Ed. Bizkaia. Bilbao, 2004: http://www.fundacionblasdeotero.org/images/documentos/ancia/Ancia_4.pdf
- DE OTERO, Blas. *Obra completa de Blas de Otero*. Org. Sabina de la Cruz. Barcelona: Ed. Galaxia Gutenberg, 2013.
- GARCÍA DE LA CONCHA, Victor. “II: De la poesía existencial a la poesía social 1944-1950” in *La poesía española de 1935 a 1975*. P. 487-866. Madri: Ediciones Cátedra, 1987.
- GONZÁLEZ, Portilla, M. y GARMENDIA, J.M. *La posguerra en el País Vasco. Política, acumulación, miseria*. Madri Ed. Siglo XXI, 1988.
- JAURALDE, Pablo, “Sobre la Poesía Final de Blas de Otero”, in *Ancia*. Revista de la Fundación Blas de Otero, Bilbao, año II, núm. 3, 2003, págs. 36-60.
- LE BIGOT, Claude. “Configuración de la Voz Social en la Poesía de Blas de Otero” in *Blas de Otero: Nuevas Lecturas*. Madri. Revista Ínsula n° 676-677: 2003.
- MIGUEL DE AZAOLA, José, «Blas de Otero: memoria del hombre. II. Tiempo de inseguridad», *El Diario Vasco*, lunes, 7 de abril de 1986. Reproducido en J. Á. Asuncun, ed., *Al amor de Blas de Otero...*, ob. cit., pág. 39.
- MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. “Blas de Otero y la censura española desde 1949 hasta la transición política. Primera parte: de ÁNGEL FIERAMENTE HU MANO a EN CASTELLANO” in *Revista de literatura*, Tomo 60, n. ° 120, 1998, pp.491-516 por Lucía Montejo Gurruchaga (UNED – Madrid). http://www.represa.es/represa_3_mayo_2007_articulo3.html.
- NIETO, Felipe. “Jorge Semprún y la Guerra Civil. Historia y memoria” in *Revista Universitaria de Historia Militar*. Volumen 7, Número 12, pp. 134-158, 2018.
- PERULERO PARDO-BALMONTE, Elena, *La poesía histórica de Blas de Otero*, Universidad Autónoma de Madrid, 2013.
- SAID, Edward W. *Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.
- SEMPRÚN, Jorge, *Autobiografía de Federico Sánchez*. Novela, Barcelona: Planeta, 1978.
- SUÑÉN, Luis, «Blas de Otero con los ojos abiertos», *Reseña de literatura, arte y espectáculos*, 91 (enero 1976), págs. 17-19.